

**DISCUSSÕES SOBRE VIOLÊNCIAS E RACISMO A PARTIR DE UMA
PROPOSTA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA COM CRIANÇAS E
ADOLESCENTES NA ESCOLA**

**DISCUSSION ABOUT VIOLENCE AND RACISM FROM A PROPOSAL OF
LIBERATING EDUCATION WITH CHILDREN AND ADOLESCENTS IN
SCHOOL**

Pamela Cristina Santos

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0260-3318>

s.pamelacristina@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta resultados de uma pesquisa realizada com e por estudantes pertencentes ao projeto “*Hashtag fora Bullying*”. Esse projeto nasceu de uma intervenção pedagógica com estudantes participantes do Programa Mais Educação de uma Escola Estadual localizada na Região Metropolitana da Grande Florianópolis/SC. A partir da análise dos questionários aplicados com 215 crianças/adolescentes, materializamos os dados encontrados em gráficos que traçam que corpos são afetados pelo fenômeno *Bullying* dentro da escola. Refletimos, embasados nos em estudos decoloniais, a supressão do conceito de violência a partir da importação do termo “*Bullying*” para a escola. Como resultados encontramos alto índice de crianças, principalmente meninas negras, vítimas de violências dentro da escola; o fenômeno “*Bullying*” aparece como uma importação conceitual que oculta as motivações das ações violentas. Por fim, trouxemos para compor as discussões: SANTOS (2010), PASSOS (2014), CRENSHAW (2002), SCHUCMAN (2012), CANDAU (2007), FREIRE (2006;1983), RAMOS (1957) e QUIJANO (2010).

Palavras chave: Violências. Escolas. Decolonialidade. Colonialidades.

Abstract: The article presents the results of a research carried out by students belonging to or subject to "Hashtag fora *Bullying*". This is the goal of a pedagogical intervention with participating students of the Mais Educação Program of a State School located in the Metropolitan Region of the Grande Florianópolis / SC. From the analysis of two questionnaires applied with 215 crianças / adolescents, we materialize the dice found in graphics that traçam that corpos são afetados fenômeno Bullying within the school. Refletimos, embasados us em studies decoloniais, supressão do conceito de violência from importação do termo "Bullying" for a school. As results we find high index of crianças, mainly black meninas, vítimas of violências inside da escola; or phenomenon "Bullying" appears as a conceitual import that hides the motivations of violent aoes. For fim, trouxemos for compor as discussões: SANTOS (2010), PASSOS (2014), CRENSHAW (2002), SCHUCMAN (2012), CANDAU (2007), FREIRE (2013; 1983), RAMOS (1957) and QUIJANO (2010).

Keywords: Violence. Schools. Decoloniality. Colonialities.

1 O projeto “*hashtag fora bullying*”

O projeto *hashtag fora bullying* nasceu de uma intervenção pedagógica realizada com um grupo de crianças e adolescentes do Programa Mais Educação (PME) de uma escola Estadual localizada na Grande Florianópolis, cujo objetivo era propor dispor ao grupo de crianças e adolescentes, da referida instituição, ferramentas para compreender as diversas violências existentes no espaço escolar através de uma proposta de libertadora (FREIRE, 2006).

O Programa Mais Educação se constitui em uma estratégia do Governo Federal de ampliar a jornada escolar em até quinze horas semanais utilizando deste tempo para oferecer aulas extras das disciplinas de português e matemática como também oficinas diversas. As crianças e adolescentes que frequentavam o PME, naquela localidade, carregam estigmas por “precisarem” permanecer na escola em período integral. Por esse motivo, fazermos uso da educação como prática de liberdade nos possibilitou ir além dos conteúdos curriculares previstos para darmos início à práticas de discussões sobre liberdades e opressões dentro do espaço escolar, tanto com os/as profissionais como com os/as estudantes.

O grupo participante ao Programa Mais Educação era constituído de vinte crianças/adolescentes entre meninos e meninas com idades entre 8 e 15 anos, estes/as elegeram por ampla maioria o *Bullying* como tema. A partir do tema gerador, elaboramos um projeto de investigação dentro da escola cujo título escolhido pelos/as estudantes foi “*hashtag fora bullying*”. Seguindo, elaboramos um questionário dividido em três sessões: 1. Dados pessoais; 2. Sobre o *Bullying*; 3. Conte-nos a sua história, o questionário foi aplicado pelas crianças e adolescentes pertencentes ao PME em dias alternados. Durante as primeiras aplicações do questionário o encontro com os/as possíveis opressores/as foi conflituoso, ficando mais intensa quando visitávamos a sala de aula de estudante do grupo. Após os primeiros encontros coletamos resultados que não são quantificáveis devido a sua natureza subjetiva, mas que se expressaram através dos corpos, atitudes e compromisso de grupo durante intervenções sobre *Bullying* dentro da escola.¹

Destacamos que o fenômeno *Bullying* se caracteriza por uma série de ações violentas proferidas a um ou mais sujeitos cotidianamente, tais ações são personificadas na figura do que poderíamos denominar de “valentão”. Antes de seguirmos, trazemos à pauta a importação do conceito *Bullying* que se insere nos vocabulários e cotidianos das crianças e adolescentes de modo que as especificidades de cada violência são suprimidas e não sustentadas por este conceito. A colonialidade do saber firma o *Bullying* como um conceito âncora para violências vividas dentro da escola, invisibilizando e tomando espaço do que pesquisadores/as brasileiras já apontam há décadas. Este tem se constituído como um eufemismo eurocêntrico que contribui na manutenção da linha abissal dificultando os diálogos acerca das violências que acometem crianças e adolescentes dentro do espaço escolar.

O fenômeno *Bullying* tem feito parte do vocabulário das crianças e adolescentes nos mais diversos espaços, contudo vale destacar que a importação deste conceito para as realidades brasileiras tem um cunho ideológico de ocultar as mais diversas formas de violências manifestas através do racismo, machismo, LGBTfobia e tantas outras. Deste modo, compreendemos o *bullying* como uma propagação conceitual massiva que oculta e compacta as diversas violências dificultando as reflexões acerca das especificidades destas. Vejamos que a violência em si possui um modo de operar, com isto queremos dizer que existe um corpo que se julga mais forte e/ou superior que um outro e que por esse motivo o inferioriza através de atos de violência. O conceito de *bullying* se utiliza do modo característico com o qual as violências operam, acoplando-as num único fenômeno e invisibilizando as motivações que levam aos atos de violências. Assim, vale dizer que racismo, machismo, LGBTFOBIA e tantas outras violências que afetam grupos específicos de sujeitos não podem ser reduzidas ao conceito de bullying porque este não contempla as motivações que desencadeiam tais violências.

Neste sentido, para darmos continuidade a esta conversa, destacamos que olhamos as violências como um fator de ordem social e que ao se manifestar em espaços específicos, como na escola por exemplo, estas não perdem seu caráter macro como também não se tornam um problema específico daquele espaço. Assim, não podemos deslocar as discussões teóricas das violências do campo da sociedade. Das primazias que compõem os dilemas sociais brasileiros temos como realidade concreta, na nossa estrutura fundante, o fato de sermos frutos de um processo de colonização violento que teve seu fim político decretado. Contudo, vivemos ainda socialmente sob égide do colonialismo que permeia nossas relações através das colonialidades do ser, saber e do poder (QUIJANO, 2000).

Ainda, temos realidades étnico, culturais e economicamente diversas, em dados numéricos isto significa, por exemplo, que temos 54,4% (IBGE, 2010) da população

brasileira autodeclarada negra; na economia a renda de 10% da população mais rica fica com 41% dos rendimentos do país. Estes são fatores que influenciam diretamente no recorte de sociedade ideal. Logo ao estabelecer um padrão de sociedade eurocêntrico, considerando tais condições, cria-se uma linha abissal (SANTOS, 2010) condicionando os modos de vidas em buscas irreais de padrões não atingíveis para grande parte da população.

A linha abissal que separa o Norte do Sul, “o civilizado” dos “selvagens”, os humanos dos Não humanos, está para além de uma linha cartográfica, a distância não é puramente física, mas interpessoal, subjetiva, econômica, cultural, racial, de gênero, religião, dentre outras. O norte, ocidental/branco/europeu/masculino/heterossexual/cristão tornou-se a principal referência pela qual fomos construídos/as enquanto nação, logo aqueles/as que mais se aproximam desse referencial estão propensos a serem mais aceitos socialmente.

Operando através das colonialidades do ser e poder, imersos num regime de subalternização colonial, criamos e mantemos linhas abissais que hierarquizam nossas subalternidades, num movimento constante que não alterará nossa condição subalterna perante o referencial eurocêntrico. Nesse sentido, a própria manutenção das linhas abissais se caracteriza como processos de violência por não romperem com a lógica binária que compõem as hierarquizações sociais. A partir desta contextualização epistêmica é que lemos as violências, num panorama macro/micro, entendemos que estas se apresentam através da relação dialética hierarquização/subalternização operando pelas colonialidades em quaisquer espaços da sociedade.

Sendo assim, estamos compreendendo violências como processo de subalternização de um ou mais sujeitos, a partir de um referencial hegemônico de superioridade

de classe, raça e/ou, que social e subjetivamente legitima a ação do/a agressor. Condi-
cionando assim, o/s sujeito/s violentado/s à uma dupla condição de violência: a da
ação direta do/a agressor e a sua própria condição de resistir. Explico. Pela ação do
agressor as violências perpassam pelas suas especificidades (física, psicológica, sexual,
simbólica, etc.). Quanto pela resistência, a violência ocorre por meio do processo de
entendimento do sujeito subalternizado pela violência em ação de que as suas resistên-
cias tendem a se constituírem também violentas para o/a próprio subalternizado/a. O
quê não significa que se visto por outros ângulos aquele/a que violenta não possa se
tornar violentado, uma vez que numa perspectiva hegemônica, somos subalternos/as.

2 O fenômeno “bullying” como uma importação conceitual

Refletindo acerca do uso do conceito de “*bullying*” dentro das realidades escola-
res, num primeiro momento pode-se recorrer a uma falsa ideia de que é um assunto
pouco discutido, contudo isto tende a se caracterizar como uma inverdade. Para tanto,
buscamos realizar uma amostra das universidades que possuem grupos de pesquisa que
discutem as violências dentro e fora da escola. Assim, destacamos que discussões acerca
das violências tem se desenvolvido, no Brasil, desde o início da década de 1990, no
entanto a intensificação do debate envolvendo violências e escola ocorreu em maior
escala a partir da incorporação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) na
Constituição Nacional. No que tange às discussões acadêmica, as produções sobre as
violências envolvendo crianças e escola datam do fim dos anos 1990, mapeamos por
meio de consulta ao Diretório de Grupos de Pesquisa do Cnpq, os grupos de pesquisa
certificados especializados em pesquisas sobre violência na área da educação.

Gráfico 1: Sistematização dos grupos de pesquisa sobre violências a partir das suas instituições de referência.



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Foram encontrados quatorze grupos de pesquisa todos com mais de dez anos de experiência sobre a temática das violências, liderados, em larga escala, por mulheres pesquisadoras. Destes a região Sudeste é que a mais possui grupos de pesquisa, somando cinco grupos, todos localizados no estado de São Paulo. A região Sul possui três grupos de pesquisa um em cada estado da região. O Norte e Centro-Oeste possuem dois grupos de pesquisa localizados no Pará e Acre; Viçosa e Goiás, respectivamente.

Mesmo em quantidade reduzida e concentrados em algumas regiões do país, tais grupos possuem nomes importantes nas produções sobre violências, dentre eles destacamos SOUZA (2003), Lucinda, Nascimento e Candau (2001), Longo (2015), Silva e Scarlatto (2009), Paula e Silva (2008) e Pereira (2015). Ainda, ao mapearmos os grupos de pesquisa, em educação, que discutem o fenômeno Bullying, encontramos o

Grupo Multidisciplinar de Pesquisa em Educação, Psicopedagogia e Psicologia Escolar liderado pelas pesquisadoras Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas e Rosenir de Souza Lira; GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral e Telma Pileggi Vinha e o Grupo de pesquisa Refletindo Inclusão na Escola liderado pelos/as pesquisadores/as Alan Almario e Camila Soares.²

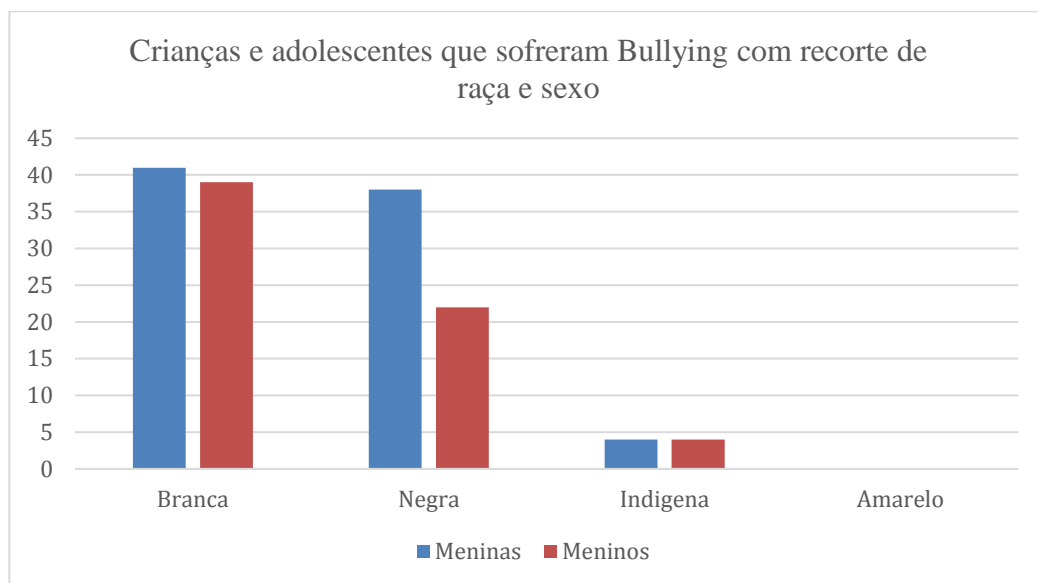
Sendo assim, podemos pontuar que as produções acerca das violências existem e são qualificadas sendo estas tecidas por pesquisadores/as qualificados/as. E que, portanto, a importação do fenômeno “bullying” às realidades sociais não se funda pela não discussão das violências, mas que tende a se configurar como um projeto de invisibilização destas.

3 Apontamentos a partir dos nossos achados

Devido aos nossos tempos encurtados a aplicação dos questionários envolveu, apenas, estudantes do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental totalizando 215 participantes. Dos primeiros resultados apurados registramos que mais de 70% dos/as entrevistados/as já haviam sofrido algum tipo de violência dentro da escola. Ao mergulharmos nas especificidades dos sujeitos que preencheram os formulários, encontramos crianças/adolescentes de até 17 anos de idade, destacamos que selecionamos para análise somente aqueles/as que assumiram já terem sofrido “*Bullying*” alguma vez.

Os gráficos abaixo apresentam a intersecção entre raça e sexo⁴ por compreendermos que devido estas são duas categorias estruturantes da sociedade brasileira. Deste modo, acionamos o conceito de interseccionalidade e a entendemos como, “uma conceitualização do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p.177).

Gráfico 2: Crianças e adolescentes que sofreram Bullying com recorte de raça e sexo



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A partir do gráfico I, visualizamos a predominância de crianças/adolescentes autodeclaradas brancas e pardas como as principais “vítimas” do *bullying* na escola. O formulário que as crianças/adolescentes preencheram contava com o campo de preenchimento “raça/cor” tal qual é utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que não impossibilitou de aparecerem outras categorias de classificação como “Morena” e “Marrom Claro”. Podemos atribuir, tal fato, aos modos como a colonialidade do ser se movimenta dentro dos espaços institucionais através da branquitude, em outras palavras significa dizer que a lógica da superioridade racial branca foi tão enraizada pelo colonialismo que se materializada na ideia de que ser negro/a é

socialmente negativo (RAMOS, 1957; SCHUCMAN, 2012). Assim, as classificações raciais “Morena” e “Marrom Claro” podem ser interpretadas como estratégias de branqueamento. Ainda, sinalizamos que compreendemos teoricamente os motivos que levam a diversidade de categorias de auto declaração e que acrescentamos estas a contagem de pretos/as e pardos/as tal qual propõe o IBGE.

Tendo em vista as orquestras sociais que a colonialidade do ser se utiliza para se manter, os dados de que são as crianças/adolescentes brancas/os as/os que mais sofrem “*bullying*” podem ser conflituosas uma vez que estas tendem usufruir de privilégios sociais. Dito isso, recorreremos a uma análise proporcional entre meninas brancas e meninas negras para confrontar os dados iniciais de que seriam as meninas brancas as que mais sofrem. Assim, apresentamos os seguintes dados:

Tabela 1: Análise em proporção das meninas brancas e meninas negras que sofreram “Bullying.”

GÊNERO/RAÇA		SOFRE- RAM BULLYING	VALORES PROPOR- CIONAIS (em %)
MENINAS BRANCAS	8	42	58,8%
MENINAS NE- GRAS	2	40	95,2%

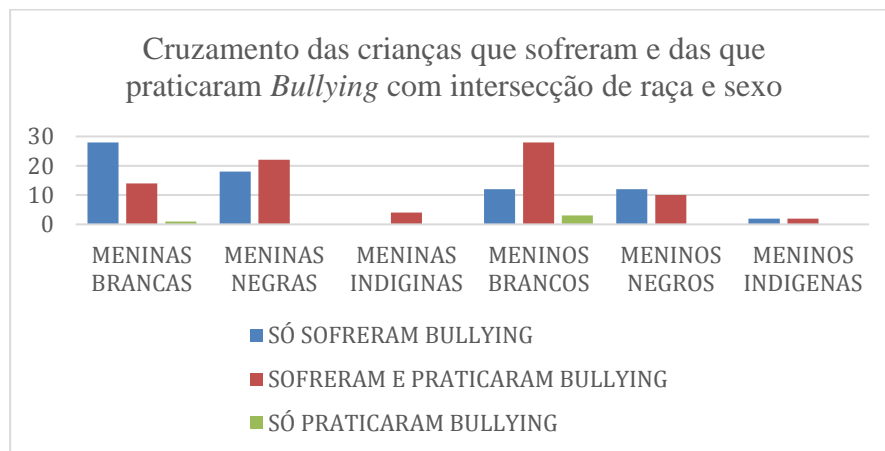
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Ao olharmos para os dados da tabela I, podemos perceber que embora as meninas brancas estejam em maior número, estas não são as que mais sofrem, pois, a proporção de meninas negras que sofrem “*bullying*” é muito superior ao de meninas

brancas. Tal dado indica que as categorias raça e gênero são fundantes das estruturas sociais da sociedade brasileira e, que portanto, necessitam de serem pensadas articuladamente/interseccionalmente. Tendo isso como horizonte, ao verificarmos o *item 3* do questionário -onde solicitava que as crianças/adolescentes contassem suas histórias com o “*bullying*” a ampla maioria dos/as que responderam contavam terem sofrido violências isoladas. Desse modo, violências pontuais⁵ não são enquadradas como “*bullying*”, o que não quer dizer que não possa ocorrer, mas nesta pesquisa o “*bullying*”, propriamente dito, se restringe a menos de 7% das crianças/adolescentes que responderam o questionário.

Ainda, apresentamos o gráfico II que cruza os dados apresentados no gráfico I ampliando nosso olhar acerca desse fenômeno “*bullying*”.

Gráfico 3: Gênero dos principais praticantes de *bullying* por categoria de intersecção de raça e sexo dos participantes que afirmaram terem sofrido com o fenômeno.



Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo compreendendo a necessidade das crianças envolvidas no projeto *Hashtag Fora Bullying* de propor diálogos acerca desse tema problematizador, enquanto pesquisadora minhas observações não encontravam características de que, naquele espaço, o fenômeno *Bullying* se manifestasse. Analisando todas as categorias expressos nos gráficos, em média, mais de 40% das crianças/adolescentes que afirmaram terem sofrido “*bullying*” em algum momento também o cometeram. Nesse sentido, utilizando o gráfico II em comparação com o gráfico III, podemos perceber que existe um movimento de violências que não nos permite pensá-las desatrelada da relação entre os sujeitos. Ainda, retomo que nesta relação, os sujeitos que se reconhecem subalternizados/as por alguma violência, resistem de modo que suas resistências são também violentas.

4 Algumas considerações

A partir das produções dos/as líderes de grupos de pesquisa, encontramos em ampla maioria que as discussões acerca das violências e do bullying versam sobre formação docente e sobre as perspectivas docentes sobre as violências na escola. Reconhecemos a importância destes focos perante as violências/Bullying, ainda existe uma lacuna de olhares para violências/bullying pela perspectiva das crianças e adolescentes. Destacamos que embora os grupos de pesquisa mapeados sejam dentro da área da educação, quando olhamos as produções acadêmicas notamos que o campo da psicologia tem grandes contribuições acerca das temáticas das violências/bullying.

Observamos uma tendência de olhares sobre as violências na tentativa de solucioná-las emergencialmente, e então nos envolvemos em movimentos que buscam alternativas pontuais para o fenômeno. Ainda, compreendemos que a violência é estrutural dentro do sistema econômico em que estamos imersos/as, o que não significa que

elas não precisam serem vistas. No entanto, estamos propondo, olhares diversos sobre este fenômeno que é estrutural, mas que é relacional, móvel e multifacetado, logo precisa de alternativas que fujam da lógica de pensamento metonímico.⁶

No que tange ao projeto *Hashtag Fora Bullying* consideramos que este se constituiu como práticas de tomadas de consciência e passos iniciais para uma educação libertadora. Ainda, os dados apresentados acerca do “*Bullying*” /violências sofrido por meninas, em sua maioria proporcional negras, nos dá indícios dos modos como as trajetórias das meninas são atravessadas por padrões sociais que nos violentam desde cedo. Quando interseccionamos sexo e raça, adicionamos a branquitude como violência que atinge diretamente as meninas negras. Embora não tenhamos discutido as violências sofridas pelos meninos dentro da escola, chamamos atenção para diálogos que nos permitam olhar para educação de meninos.

No mais, enfatizamos que embora as violências sejam regidas por relações assimétricas de poder, a escola enquanto instituição social tem o compromisso de cotidianamente estabelecer relações democráticas para todos/as que dela usufruam.

Referências

CANDAU, Vera Maria. “*Construir ecossistemas educativos: reinventar a escola*”. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CRENSHAW, Kimbelé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Estudos Feministas 1711/2002.

IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em www.ibge.gov.br

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2006.

_____. *A pedagogia do oprimido*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.

LONGO, Monique Marques. “*Professora, fala alguma coisa boa da educação pra gente, por favor*”: o impacto da violência escolar no cotidiano e na formação docente. 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

LUCINDA, Maria da Consolação, NASCIMENTO, Maria das Graças; CANDAU, Vera Maria. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PAULA E SILVA, Joyce Mary Adam de e SALLES, Leila Maria Ferreira. *A violência no âmbito escolar: considerações sobre violência da e na escola*. 2008. 31ª Reunião Anual da Anped.

PASSOS, Joana Célia dos. *As Relações Étnico-raciais Nas Licenciaturas: O que dizem os currículos anunciados*. Poiésis, Tubarão. V.8, n.13, p. 172 - 188, Jan/Jun, 2014.

PEREIRA, Ana Carolina Reis. *Violência, cidadania e formação de professores em direitos humanos: uma articulação possível?* 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Andersen, 1957.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. In : SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo. Cortez. 2010, p. 23-72.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido” o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado - Programa de Pós Graduação em Psicologia. Área de Construção: Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SILVA, Marilda da. SCARLATTO, Elaine Cristina. *violência em meio escolar no brasil: uma alternativa formativa para professores e futuros professores*. Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, SP, Brasil.148

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do Poder e Classificação Social*. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo. Cortez. 2010. (P. 73-118).

SOUSA, Ana Maria B. Violências, diferença e alteridade: a gestão do cuidado às crianças. *Congresso Internacional Multicultural*, Núcleo MOVER, 2003.

NOTAS

¹ Além da aplicação de questionário realizamos uma exposição fotográfica, confecção de cartazes, conversas de conscientização e espaço para denúncias de violências durante o recreio.

² Reconhecemos a importância das produções dos/as líderes dos grupos de pesquisa citados, mas destacamos a impossibilidade de explorá-las no presente texto.

³ Desvinculamo-nos do conceito de Bullying, como explicado anteriormente na sessão anterior, mas mantemos o uso da grafia deste por respeito as crianças que escolheram o nome do projeto. Deste modo manteremos a grafia da palavra sempre entre aspas com intuito de simbolizar nossa discordância conceitual acerca deste.

⁴ Utilizamos a categoria sexo pois não houve tempo hábil para dialogar com as crianças e adolescentes acerca do gênero a qual se identificam.

⁵ Termo utilizado por Fante (2005).

⁶ Razão metonímica, ver Santos (2010).

recebido em 25 jun. 2018/ aprovado em 14 mar. 2019

Para referenciar este texto:

SANTOS, P. C. Discussões sobre violências e racismo a partir de uma proposta de educação libertadora com crianças e adolescentes na escola. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 18, n.1, p. 148-163, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v18n1.8843>